

RESISTIR, A QUE SERÁ QUE SE RESISTE? O SUJEITO FEITO FORA DE SI.

Pedro de Souza*

Resumo: Neste trabalho, a partir da visão inaugurada pelo pensamento de Michel Foucault, proponho uma análise, em que o mesmo processo discursivo de assujeitamento é também o lugar em que o sujeito se produz mediante uma resistência que o situa subjetivando-se fora da ordem discursiva que o determina. Tanto em um quanto em outro processo não há sujeito como ponto de origem, mas como ponto terminal de efeitos múltiplos de subjetividade.

Palavras-chave: discurso; enunciação; subjetividade.

1 PALAVRAS INICIAIS

O trabalho que desenvolvo aqui tem uma etapa teórica e uma etapa analítica. Em ambas o objetivo é propor elementos para pensar o processo subjetivo como um fenômeno passivo e ativo nos meandros de dada ordem discursiva. Embora bastante debatida na corrente francesa de Análise de Discurso, faz-se ainda necessário pensar a subjetividade fora dos meandros em que o subjetivo é tomado como a origem das determinações que o definem enquanto tal. A idéia é refletir sobre um processo tão previsível quanto imprevisível de produção de sujeitos. O foco da etapa analítica se prenderá a um caso emblemático em que, ao ser levado a falar de si, o sujeito subverte o código que rubrica sua fala em primeira pessoa e abre-se para possibilidades outras de se experimentar como sujeito na relação consigo mesmo. Tais possibilidades serão analiticamente abordadas como diferentes temporalidades enunciativas em que o sujeito se constitui incessantemente.

* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Lingüística. E-mail: psouza35@hotmail.com.

2 ASSUJEITAMENTO E SUBJETIVIDADE

A subjetividade, segundo Michel Foucault, não consiste no ato individual de atingir o âmago de si mesmo a partir da suposição de uma verdade interior. Inútil pensar que, para além de qualquer vigilância exterior, encontra-se um eu verdadeiro reduzido ao nicho originário de sua existência. Um dos fatos mais desconcertantes no pensamento de Foucault é a constatação de que não há sujeito na origem a ser resgatado e atirado para longe de toda e qualquer dominação externa. Se a questão do sujeito atravessou a obra de Foucault, foi, como ele próprio avaliou, para encetar o projeto de “promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto a vários séculos” (1995, p. 239).

O trabalho de Michel Foucault em torno da questão do sujeito e dos jogos de verdade que o constituem pode ser dividido em duas etapas: na primeira, ele se ocupa de práticas coercitivas que produzem sujeitos – inclui-se aí o conjunto de trabalho que investiga a psiquiatria e o sistema penitenciário. O que se enfatiza aqui é a atenção sobre os modos de produção de sujeito através do poder individualizador. Na segunda etapa, o foco se desloca para as práticas ditas de auto-formação do sujeito, mediante instrumentos para que cada indivíduo elabore a si mesmo como sujeito.

Vislumbra-se, nesta segunda etapa, uma proposta mais de desmontagem, que de montagem do sujeito, este tomado, como um modo fabricado de ser. Não importa mais para Foucault, as práticas normalizadoras que produzem sujeitos, mas sim investigar o modo de relação que os indivíduos entretêm consigo mesmo, o qual chamou de relação ética. Trata-se de saber como o indivíduo constitui-se como o sujeito de suas próprias ações.

O projeto foucaultiano gira em torno de estudos acerca das condições em que se entalha práticas de liberdade nas quais o sujeito transforma a si mesmo em um processo em que a subjetividade não é efeito de uma determinação moral¹, mas um conjunto de diferentes instâncias de enunciação que, no limite do código moral, descrevem um movimento incessante de subjetivação.

¹ Por moral, Michel Foucault (1984, p. 26) entende “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc.”.

A propósito disso, particularmente no curso desenvolvido no Colégio de França em 1982 sobre a hermenêutica do sujeito, Foucault cunhou uma metodologia analítica focalizando as práticas nas quais o sujeito se elabora, se transforma e atinge enfim um modo de ser. O filósofo chamou de ascéticas essas práticas que compõem um conjunto de exercícios que o indivíduo se impõe a si mesmo para se moldar a partir de um regime de subjetivação.

Nesses termos, o interesse portanto nunca é saber o que é o sujeito humano em si mesmo, mas sim como o indivíduo torna-se sujeito perante as mais variadas práticas, notadamente a da sexualidade, da qual Foucault mais se ocupou justamente por compor, no quadro da filosofia grega e helenística, “uma história da ‘ética’ e da ‘ascética’ entendida como a história das formas de subjetivação moral e das práticas de si destinadas a assegurá-la” (FOUCAULT, 1995, p. 29).

De modo que, fazer a experiência de si não significa ir em busca de um eu genuíno livre de qualquer contaminação produzido pelo investimento de um regime de poder/saber. Assim é que, foucaultianamente falando, ninguém é e nem nasce sujeito, seja sob a forma mais libertária, ou sob o modo mais submetido. Historicamente, não há esse dia em que um indivíduo lança seu grito de independência e proclama: *de hoje em diante serei eu mesmo*; simplesmente porque esse *eu mesmo* não existe, a não ser como modalidade histórica de fabricação que pode dar conta de definir, não o que é, mas como se constitui o si mesmo. Por isso, mais analiticamente produtor, diante dos *reality shows* da vida, é não deter-se sobre a verdade última de cada um, mas sobre como são os artefatos que fabricam essa verdade última de cada um.

Diferente do existencialismo que emerge ressentido com os barbarismos destrutivos da segunda guerra mundial, Foucault propõe um modo de pensar que rompe com as filosofias voltadas para o sujeito, ou para o ser em si e para si. No lugar dessa filosofia, sugere a genealogia das subjetividades (SENETT e FOUCAULT, 1988, p.165-189), ou seja, os jogos e relações de força que produzem diferentes modos de ser em diferentes épocas. Contemporaneamente, esses jogos podem corresponder a regimes morais de subjetividades pelos quais se designa o ser amigo, o ser gente, o ser humano, o ser livre, o ser irmão, o ser responsável, o ser autêntico, ser solidário, etc. Cada uma dessas insígnias de ação moral refere-se a uma unidade de conduta moral que, por sua vez, implica a constituição de si mesmo como sujeito moral, tomado como efeito de subjetivação, sustentado em exercícios e práticas de si histórica e socialmente localizáveis.

Resistir, a que será que se resiste?...

Desse modo, seguindo à risca a metodologia foucaultiana, a análise das modalidades de subjetivação nunca deve ter o próprio sujeito como elemento preliminar à compreensão das práticas que nos conduzem a ele. Sabe-se que sempre que tentamos compreender formas-sujeito em qualquer âmbito das relações sociais – trabalho, política, sexualidade – a tendência é partir do sujeito. Nessa perspectiva, a pergunta de partida é sempre *quem é?* – o sem-terra, a feminista, o homossexual, o negro, etc.

Mas, de fato, não se pode chegar a nenhum desses sujeitos em si, a não ser pelas relações e práticas que o constituem. Portanto essas devem ser tomadas como ferramentas operadoras – quer de dominação, quer de libertação – moldando relações de poder cujo resultado final será uma dada forma de sujeito. Se for por operação dominadora, a modalidade que produz sujeito será a do assujeitamento; se for libertadora, será a da subjetivação. Em um e outro caso, sempre se supõe práticas tomadas por elas mesmas, nunca a partir de sujeitos plenamente reconciliados consigo mesmo.

Quando observamos contemporaneamente práticas sociais de sujeição, como por exemplo, governantes sobre governados, patrão sobre empregado, homem sobre mulher, uma raça sobre a outra, o comum é questionar; afinal por que tais indivíduos deixam-se subjugar. Em uma de suas aulas no Colégio de França, compiladas no livro *Em defesa da Sociedade*, Foucault sugere “não perguntar aos sujeitos como, por que, em nome de que direito eles podem aceitar deixar-se sujeitar, mas mostrar como são as relações de sujeição efetiva que fabricam sujeitos” (cf. FOUCAULT, 1988).

Para retornar com mais clareza a essa proposição, vale a pena deixar-se aqui interpelar pela voz do advogado do diabo, ou seja, falar na contra corrente da discursividade foucaultiana. Questionando a lógica do poder que produz formas de subjetividade sobre as quais se exerce uma dominação eficiente, conforme propõe Foucault, um neo-marxista como Terry Eagleton não compreende o que leva a repudiar essa situação.

O que [...] poderia protestar contra essa condição, dado que toda subjetividade é simplesmente e antes de tudo, efeito de poder? Se não há nada além do poder, então não há nada que esteja sendo bloqueado, categorizado e arrematado, e portanto nada com que se preocupar. (EAGLETON, 1997, p.52)

Eagleton põe em questão o ponto de vista foucaultiano da resistência ao poder, observando que o que se opõe ao poder é um enigma que o trabalho de Foucault não desvenda. O entendimento aqui é de que a subjetividade para Michel Foucault não passa de uma forma de auto-encarceramento, o que obscurece a origem da resistência política. Em outros termos, como é possível que auto-encarcerado o sujeito resista.

Nada mais oportuno que questões como essas para se chegar ainda mais perto do pensamento foucaultiano sobre a subjetividade. Não se trata de definir quem ou o que resiste, mesmo que Foucault tenha aludido ao corpo e seus prazeres² como ponto de resistência. Trata-se sim de descrever a dinâmica das práticas que podem ser lidas como resistência. Marca-se nesse dinamismo particular não o que, mas o a que se resiste, apontando o viés analítico para o lugar onde observa-se acontecendo rupturas, outras formas válidas de existências, outros modos de ser até então lançados para fora de certo regime de subjetividade. Eis o estatuto do corpo e do prazer como lugares de resistência. O prazer, dizia Foucault, situa-se fora do sujeito. Deste modo a experiência do prazer é estratégia para des-subjetivação.

O que define a resistência não é uma ação de entrincheiramento do sujeito em si mesmo. É justamente o contrário. O movimento é de saída da trincheira, metáfora da ordem simbólica que determina o que é e o que não pode ser o sujeito. Resistir não é deter-se em si como origem de subjetividade, mas enveredar para outros modos de subjetivação tomando atalhos por onde o discurso que determina a verdade do sujeito não entra.

Certamente a resistência tem um eu como ponto em que se sustenta sua elaboração. Mas este eu é refletido em seu limite exterior porque não se trata de o sujeito negar-se ou afirmar-se e sim de tomar o ponto do reconhecimento de si como um entre outros, sobretudo os não conhecidos, os a inventar. Neste caso, respondendo a questões como a de Eagleton, resistir é dispor-se a reverter e subverter a linha do reconhecimento de si, deixar-se afetar por forças exteriores a este reconhecer que é efeito de assujeitamento.

No que diz respeito à dominação, segundo Foucault, em qualquer contexto analítico das relações de poder, o sujeito não é ponto de partida, mas ponto de

² Cf. História da Sexualidade, v. I.

Resistir, a que será que se resiste?...

chegada. Para além de uma hermenêutica centrada na dimensão ontológica do ser, o pensamento foucaultiano propõe uma perspectiva de construção de si com base na ruptura e na transgressão observáveis em práticas sociais historicamente localizadas. Se há hoje novos modos subjetivos de ser, como, por exemplo, as mulheres libertas do domínio machista, não é diante de novos sujeitos femininos que nos encontramos, mas das práticas discursivas de liberdade que moldam variadas formas de subjetividade feminina.

Neste sentido, no quadro de relações de força que impliquem em dominação, a subjetividade não diz respeito a um processo individual ou coletivo de liberação de si, mas a múltiplas práticas de liberdade que constituem formas historicamente válidas de ser sujeito.

No contexto das práticas de liberdade, o conceito de resistência em Michel Foucault mostra-se assim diretamente ligado ao de subjetivação, na medida em que resistir e subjetivar-se remetem a um modo de produção de sujeito cujas relações de força agem tencionando-se, mas nunca obstruindo-se. Este é o próprio da liberdade que abre espaço para a subjetivação e não para o assujeitamento. Se o assujeitamento é um fato historicamente inexorável, não deixar-se assujeitar é resistir é abrir-se a outros modos de ser sujeito, ainda que desconhecidos.

O que há de característico nos variados exercícios de construção de si, na pauta foucaultiana, é um tipo de ação auto-reflexiva, ou seja, uma dinâmica em que a subjetividade é fruto de um ponto em que uma linha de força dobra sobre si mesma, em um movimento que demarca um espaço que se converte do exterior para o interior. Neste sentido é que o sujeito, na concepção de Foucault, é efeito da internalização de relações de poder. Mas o mais importante, conforme foi dito antes, é que tais relações não se reduzem à pressão, ao controle, ao comando, à disciplina, dispositivos de obstrução, portanto de dominação. De natureza mais complexa, as relações de poder no interior das quais as subjetividades se efetivam podem também adotar a forma da instabilidade, abrindo para estratégias possíveis de desmobilização e saída de um estado de dominação, bem como para circulação livre das diferentes possibilidades de ser sujeito. Foucault propõe uma forma de pensar que elege como objetivo fundamental a conversão de práticas políticas de dominação em jogos estratégicos abertos e imparciais. Seria o que nos tempos atuais, por exemplo, permitiria que um movimento político dissidente pudesse fazer circular os seus discursos sem correr o risco de ser silenciado, obstruído.

Assim é que se deve compreender como o jogo livre da produção de sujeitos não tem origem no próprio sujeito. Este jogo de forças exteriores ao sujeito que compõem práticas de liberdade não se resume só ao poder concebido como ação de outro que se exerce sobre o eu. Isso corresponderia a um exercício de poder em que outro rege unilateralmente a conduta do sujeito. Toda diferença está em que na conjuntura de práticas de liberdade, assim como na dos estados de dominação, nenhuma ação tem o sujeito como alvo ou como ponto de partida, mas o tem sim como ponto terminal. O terminal é ao mesmo tempo o sítio aonde se chega e o lugar de onde se sai.

O importante é compreender que o ponto de chegada e o de saída nunca têm o sujeito como origem. Marca-se aí, portanto, duas formas de exterioridades que, de diferentes maneiras, contornam a subjetividade. A saída aqui descreve a geometria própria da subjetivação, enquanto que a chegada diz das injunções que remetem ao assujeitamento. É neste sentido que, conforme aponte antes, o prazer, situando-se fora do sujeito, abre a possibilidade de o sujeito des-subjetivar-se, perder a identidade nele impressa pelo código que assujeita.

Dito de outro modo, se as práticas de dominação produzem sujeitos, também o fazem as práticas de liberdade. Mas nestas o problema é dispor de relações que permitem a circulação imparcial de novos modos de ser sujeito. O imparcial de que se trata aqui não se remete aos sentidos de neutralidade, mas diz respeito à livre passagem de forças que se afetam entre si pela diferença e pelo antagonismo.

3 QUANDO O SUJEITO FICA FORA DE SI

Nesta parte, apresento uma análise que põe em exercício o modo foucaultiano de conceber a subjetividade e os seus processos de fabricação aliados a modalidades de resistência. Vou tomar uma situação específica e analisar o processo de enunciação em que o sujeito é chamado a dar testemunho de si sob um regime de subjetividade pré-estabelecido. São situações em que, para falar sobre ele mesmo, o sujeito fica fora de si, ou seja, ele se constitui no exterior da enunciação que sustenta o testemunho que faz de si mesmo.

Para trabalhar analiticamente sobre esse quadro de fala de si, vou tomar o caso das campanhas anti-droga e, nelas, focalizar a cena enunciativa em que

alguém dá testemunho de como se percebeu dependente do uso de drogas químicas. Não me interessa aqui entrar no mérito da validade ou não das campanhas anti-droga. Em vez disso, quero chamar atenção para as possibilidades de subjetivação em quadros contemporâneos de relações de força discursivamente definidos pela injunção a dizer a verdade sobre si mesmo. Deslocando a análise do campo da sexualidade para o da droga, detenho-me sobre um dos dispositivos do discurso que consiste em fazer vir à tona, não a relação entre o sujeito e o psicotrópico, mas a relação do sujeito consigo mesmo mediado, por um lado, pela experiência de ingestão de drogas químicas, por outro, pelos discursos de saber que o tornam sujeito desta prática.

Para esta proposta analítica, recorro a campanhas em que, em variadas situações, aqueles que estão em estágio de tratamento, ou que já superaram a “dependência”, dispõem-se a dar testemunho em primeira pessoa, narrando o seu percurso subjetivo no uso de determinada droga. Teoricamente, trato as campanhas de combate às drogas como discurso que produz o sujeito drogradito e dispõe o único lugar do qual pode falar aqueles que usam qualquer droga.

Mas esta interpelação não acontece sem falhas³. O que se estabelece aqui como objeto de análise é um particular contexto enunciativo em que se, por um lado, torna-se impossível ao sujeito escapar ao investimento individualizante de uma ordem discursiva que o interpela ideologicamente em um só regime de identificação, por outro, mostra em seu dizer traços de um movimento de subversão à mesma ordem discursiva que o faz falar. Minha hipótese é a de que esses eventos de enunciação descrevem não só o processo em que a fala de si é efeito de assujeitamento, mas o deslize típico da forma de resistência, conforme a concepção de Michel Foucault. Quando se trata da exposição do sujeito por ele mesmo, não cabe perguntar o que nele resiste, mas como algo no evento de sua enunciação aparece como resistência e não como puro assentimento. A questão é saber se é possível apontar na fala do sujeito sobre si a dinâmica em que o acontecimento de sua subjetividade ao mesmo tempo em que se inscreve resiste a uma dada ordem de discurso.

Nesse sentido proponho aqui apenas um esboço para uma análise dos processos subjetivos, não como acontecimentos acabados, mas como experiência em movimento analisável em algum de seus traços, notadamente os de natureza enunciativa, ou seja, os que decorrem do ato de enunciar. Para

³ Alusão ao conceito de ideologia como um ritual com falhas (PÊCHEUX, 1975).

tanto, pinço fragmentos de cenas que compõem, para os objetivos deste artigo, um fato enunciativo, no interior do qual observa-se o processo contraditório de subjetivação na fala de um sujeito no embate entre deixar ou não de usar a droga.

Este tipo de depoimento é explorado de diversas maneiras e em diferentes espaços midiáticos: jornais, revistas, *outdoors*, cinema, Internet, televisão. Um exemplo disso foi a inusitada campanha de combate às drogas incorporada no roteiro da telenovela *O Clone*, da novelista Gloria Perez, veiculada pela Rede Globo de Televisão em 2001. A autora entrevistava pacientes internados em uma clínica da cidade do Rio de Janeiro e inseria os depoimentos gravados às cenas e diálogos como se os depoentes fossem personagens da novela. O efeito era uma mescla de falas contundentes sobrepostas a imagens de olhos, mãos e bocas exibidas de modo fragmentário, propondo, no corpo exposto aos pedaços, a dissecação da identidade daqueles que estavam, no momento da enunciação, submetidos ao uso da droga.

A mesma repercussão teve a campanha transmitida pela MTV brasileira. Entre outras, havia um *spot* de cerca de um minuto em que um suposto usuário de droga folheava um álbum de fotografias expondo para si e para outros a memória do sujeito que havia deixado de ser desde que conhecera a droga. São cenas emblemáticas em que, conectado a práticas de consumo de drogas, o sujeito só pode falar de si abstraído pelo dispositivo discursivo que se encarrega de fazê-lo dizer a verdade sobre sua identidade.

Conforme o lugar de circulação, têm-se modos materiais específicos de linguagem estruturando o ato enunciativo que deve configurar uma cena e nela a emergência do sujeito que fala de si segundo uma certa prática de consumo de drogas. O depoimento sobre o qual vou me deter, foi retirado de um site na Internet⁴ que, sob o apoio da Organização Mundial da Saúde, oferece, ao internauta interessado, todo tipo de informação e orientação a respeito do consumo de droga. Uma das entradas, no índice deste site, leva a um acervo de depoimentos de pessoas que se viram enredadas na “drogadição” e testemunham o seu sucesso ou fracasso na tentativa de sair da “dependência”.

De modo aleatório, entre os vários testemunhos ali livremente disponíveis ao acesso virtual, escolhi o que transcrevo abaixo, a fim de observar na escrita

⁴ <<http://www.helpdrogas.org/depoimentos>> Acesso em 24/10/03.

Resistir, a que será que se resiste?...

dele a relação entre a enunciação e o sujeito que se produz nela, pela intervenção de uma ordem discursiva que lhe é exterior. A transcrição é longa, mas, para o tipo de análise a que quero submetê-la, é necessário que seja apresentada na íntegra.

Bem, eu não cheguei a conhecer o vício de outros tipo de droga além da maconha, achava que isso era ligh, quando cheguei ao NA (Narcóticos Anônimos) pensei que era mais ligh que os outros. A maioria dos companheiros tinham problemas com álcool e maconha, no mínimo, muitos com cocaína tbm. Eu me julgava diferente. Hoje, dia 22 de junho de 2003 eu estou completando 5 meses limpa. Hj eu vejo que a maconha me prejudicou muito e dou graças a Deus de ter tido a sorte de ter conseguido sair dessa antes de piorar a minha drogadição. Sempre soube que tinha tendência a me viciar nas coisas, não foi por falta de contato com cocaína e outras drogas que não me droguei, foi por medo mesmo. A maconha já me consumia 24 hs por dia, cheguei a um ponto que 50 gramas não duravam 4 dias, isso pra quem conhece a maconha e a usa muito, dura um mês, imagina, 4 dias. O que quero deixar claro: hoje sei que sou e sempre serei uma dependente química. Não sei se eu voltar a usar se conseguirei parar novamente ou se não cairei nas garras do álcool ou até mesmo de outros tipos de drogas. Aprendi em NA que é uma doença progressiva, incurável e fatal. Não quero voltar de onde eu estava. Hoje, sei que não posso me descuidar e tive que abrir mão de certos programas que eu adorava. A gota d'água foi quando um amigo meu foi parar no hospital com uma prévia de coma, com o aparelho digestivo todo ferrado por causa da maconha. Eu sentia umas alterações em mim, quis parar e parei. É só por hoje, mas pretendo renovar a cada novo só por hoje meu propósito de me manter limpa. Tive que abrir mão de amigos e hábitos mas hoje, minha saúde melhorou, meu ciclo menstrual que tbm era desregulado e as cólicas terríveis, melhoraram também. A cada dia percebo o quão a maconha estava me fazendo mal, não me considero hoje diferente de ninguém que tenha conhecido um vício diferente. Também não sei como não me viciéi ao álcool. Comecei a beber antes de fumar maconha e parei, justamente quando conheci a maconha. É o que na literatura do NA (Narcóticos Anônimos) diz, droga de preferência, substituir uma droga por outra. Enfim... Na última quinta-feira achei um baseado perdido nas minhas coisas... quase recaí. Foi muito difícil jogá-lo no lixo, fiquei muito deprimida, mesmo fazendo a coisa certa. No mais, quero completar todos os dias que me restam de vida sem o uso da maconha ou de qualquer outro tipo de substância que altere minha mente e meu humor. Já tive vontade de usar inúmeras vezes,

inclusive a cocaína, que nunca usei e o alcool que parei a 6 anos. O que posso fazer é não usar e crescer mais e mais como pessoa usando os 12 passos do NA para me tornar uma pessoa melhor a cada dia. Sou jovem e quero envelhecer e morrer limpa! Só por hj eu desejo mais 24 horas de serenidade e sobriedade para qualquer pessoa que queira trilhar um caminho limpo, sem o uso de drogas, Obrigada. C,

A propósito deste exemplo de depoimento, quero propor uma análise que me leve a configurar a forma do sujeito fora de si, ou seja, aquele que ao mesmo se submete e resiste à ordem do discurso na qual se posiciona para falar. Para isso, vou me deter, não de maneira exclusiva, mas privilegiada, em um dos elementos que compõe a forma material específica desta enunciação, ou seja, a temporariedade. Trata-se de levar em conta o que Guimarães (2002) tem proposto sob a categoria do acontecimento aliado a um certo jogo enunciativo com o tempo.

Retomo também aqui as categorias temporais observáveis em um processo enunciativo no momento em que acontece. Barbéris (1997) propõe três instâncias remetendo a uma ordem particular de categorização do tempo na ordem da enunciação: o **tempo a dizer**, que designa a enunciação em vias de se atualizar; **o tempo do dizer**, que diz respeito ao momento enunciativo em curso marcado por suas pausas e durações variáveis e descontínuas, conforme a natureza oral ou escrita da expressão; por fim, **o tempo do dito**, que está constitutivamente ligado à inscrição dos efeitos dos sentidos que tornam possível o ato de enunciar.

Observa-se, no depoimento em foco, um ritmo particular que marca a estrutura material de sua enunciação. Monitorada por uma pontuação irregular, pode-se ver a concreção de uma temporalidade que descreve o modo como o falante se subjetiva. A enunciação se constrói assim mediante uma certa conexão com o **tempo dito** abrindo-se, no **tempo do dizer**, ao curso aleatório do **tempo a dizer**. Este é o tratamento analítico a dar ao testemunho do depoente, desde o momento em que lemos as primeiras palavras que abrem o depoimento.

Bem, eu não cheguei a conhecer o vício de outros tipo de droga além da maconha, achava que isso era ligh, quando cheguei ao NA (Narcóticos Anônimos) pensei que era mais ligh que os outros.

Resistir, a que será que se resiste?...

A fala inicia-se tendo na palavra ‘bem’ um ponto de marcação que delimita o input da referência a si em um tempo exterior à enunciação, o **tempo dito**, aquele em que o sujeito já sabe quem é no instante em que é convocado a falar do que conhece acerca do seu eu. A expressão lexical ‘bem’, emitida sem um estatuto gramatical preciso – não é substantivo, advérbio, nem interjeição – a modo de sinal de pontuação equivalente a reticências, rubrica um lugar discursivo de onde o depoente declara o que, no **tempo do dizer**, se determina que ele declare sobre si. A ordem discursiva que provê aqui a posição para falar tem no nome ‘*Narcóticos Anônimos*’ um suporte descritivo na medida em que este nome próprio está discursivamente ligado aos objetos e sujeitos (drogas e drogaditos) a que se refere.

É deparando-se com este posicionamento discursivo que o sujeito modifica a relação consigo mesmo numa temporalidade exterior à enunciação em ato. Enredado por este tempo, o sujeito se experimenta fazendo-se fora de um si que, em sua enunciação, mostra-se apenas como uma possibilidade de sujeito entre outras. Marca-se assim a região do sentido em que o depoente percebe-se diferente do que pensava ser, graças ao ato de se dispor à égide do discurso verdadeiro, o que significa a prática em que está implicado como sujeito.

A maioria dos companheiros tinham problemas com álcool e maconha, no mínimo, muitos com cocaína tbm. Eu me julgava diferente.

Formulações como

Hoje, dia 22 de junho de 2003 eu estou completando 5 meses limpa.

e

Hj eu vejo que a maconha me prejudicou muito [...]

marcam um ponto em que a enunciação se divide entre o **tempo dito** e o **tempo do dizer**. Abre-se um intervalo, no percurso da fala, que coloca o sujeito ante o trabalho convocado a fazer sobre si mesmo e ante as alternativas posta pelo fato de dizer. Estas têm, não só o discurso, mas o si mesmo – deslocado desta ordem discursiva que o determina – como forma material de subjetivação. Se faz, assim, através de expressões dêiticas ancoradas no contexto enunciativo, a marcação de uma temporalidade que subjetiva. Tudo isso se passa sob um ponto de referência discursiva que atravessa o **tempo do dizer** no exato momento em que acontece. Dito em outros termos, trata-se de uma temporalização que subjetiva pela

intervenção exterior de discursos cruzados em curto circuito: “Sempre soube que tinha tendência a me viciar nas coisas, não foi por falta de contato com cocaína e outras drogas que não me droguei, foi por medo mesmo”.

Deste modo é que a experiência da exposição de si é marcada pela hesitação entre um e muitos discursos. Daí as posições de sujeito começarem a aparecer de modo embaralhado.

Observe-se como este fenômeno toma a forma da enunciação no recorte a seguir:

A maconha já me consumia 24 hs por dia, cheguei a um ponto que 50 gramas não duravam 4 dias, isso pra quem conhece a maconha e a usa muito, dura um mês, imagina, 4 dias.

Nesta seqüência, as marcações temporais, tanto no verbo como nas expressões adverbiais, fazem ver a subjetividade mostrada como duração, e o tempo abre-se a alternativas não delineáveis: o sujeito fala na esteira do **tempo a dizer**, o que não coincide com o **tempo dito** – a ordem determinadora dos sentidos que leva o sujeito à identificação consigo mesmo – e nem com o que se diz no momento do enunciar. No trajeto da enunciação, o sujeito detém-se em um ponto que é o preterido pela ordem discursiva na qual o seu depoimento faz sentido. Ele joga com outro tempo, suspendendo com aquele no qual se encontra constituído pelo discurso anti-droga. O verbo conjugado no cruzamento entre o pretérito perfeito e imperfeito e a ruptura sintática dão um efeito de divisão ao dizer, neste instante, em que o sujeito da enunciação resvala por uma via que, embora conectada ao discurso que ali funciona, recolhe uma quota de interesse subjetivo que só diz respeito a si no processo enunciativo. Essa formulação parece corresponder tanto ao regime de significação que captura o depoente em sua fala, quanto à resistência que abre para um outro modo de o sujeito referir-se a si.

Não obstante, é inevitável advertir, no transcorrer do **tempo do dizer**, a força do assujeitamento. Trata-se dos pontos em que a fala de si não consegue escapar à inscrição em um suporte discursivo determinado, suturando a cesura temporal entre o que o sujeito sempre soube ser e o que, inexoravelmente, sabe nunca deixará de ser. “O que quero deixar claro: hoje sei que sou e sempre serei uma dependente química”.

Resistir, a que será que se resiste?...

Ainda assim insiste em se imiscuir no tempo do dizer o movimento incerto dos tempos de subjetivação, deixando aí um traço da resistência: “Não sei se eu voltar a usar se conseguirei parar novamente ou se não cairei nas garras do álcool ou até mesmo de outros tipos de drogas”. No mesmo momento em que o **tempo dito** dispõe o sujeito para o discurso verdadeiro sobre si – “Aprendi em NA que é uma doença progressiva, incurável e fatal.” –, há um sentido que retorna como algo que resiste e aponta a que se resiste – “Não quero voltar de onde eu estava”. O lapso da regência verbal que se marca pela substituição involuntária do *‘para’* pelo *‘de’* revela o valor ambivalente do processo subjetivo. Nele há um sujeito que é falado e que fala a partir do discurso que determina o seu lugar de falante. Delineia-se neste ponto da enunciação o jogo de duas posições: numa o sujeito fala submetido e a serviço do discurso que o interpela como dependente químico; em outra, embora determinado pela mesma ordem discursiva, o sujeito fala segundo implicações que dizem respeito a ele em outro lugar, ou seja, fala a partir de uma dobra fora de si que se dá na exterioridade do discurso normativo ao qual ele deve o saber sobre sua subjetividade de drogado.

Contudo, analiticamente, observa-se sempre uma clivagem entre o **tempo do dizer** em ato e a efetivação de uma mudança na experiência que o sujeito faz de si mesmo. Do pretérito imperfeito ao perfeito, uma possibilidade subjetiva se quebra em um ponto qualquer da temporalidade inconclusa aliada a movimentos alternantes de subjetivação: “Eu sentia umas alterações em mim, quis parar e parei”. Trata-se de retornar sempre a esse passado simbólico, o que deve ser submetido sempre à interpretação mantendo um presente intransitivo:

É só por hoje mas pretendo renovar a cada novo só por hoje meu propósito de me manter limpa.

Acontece, nesta seqüência, uma espécie de congelamento necessário do **tempo do dizer**, entroncando-o entre o dito e o **a dizer**. Por isso a expressão adverbial ‘só por hoje’ torna-se um sintagma que descreve a incerteza de uma duração; não porque ela remete à dimensão permanente do saber verdadeiro instaurado de modo consistente, mas porque a duração expõe o sujeito às múltiplas possibilidades de subjetivação fora da verdade que o levou a si mesmo.

No trajeto de sentidos que inscrevem o acontecimento discursivo em dada memória do dizer, há sempre outros, improváveis, imprevisíveis. Isso é enunciar-se na linha do tempo liberto dos nós que tramam a rede dos sentidos.

O posicionamento do sujeito entre uma e outras possibilidades de subjetivação é pontuado pelas reticências que materializam a experiência do vazio logo significada como risco de recaída. “Enfim... Na última quinta-feira achei um baseado perdido nas minhas coisas... quase recaí”. Recaída em que? Não é necessário que a resposta a esta questão esteja aqui explicitada porque ela não importa como conteúdo do dizer, mas como maneira de dizer o imprevisível da subjetividade. O tempo que passa no vazio das reticências insinua a presença desestabilizante do interdiscurso (Orlandi, 2002b). Mesmo que se aí não deixam de funcionar traços de tentativas de permanecer na memória regularizada do **tempo dito**, a narrativa de si mostra o sujeito se clivando em outros modos diferentes de ser e de se fazer. Escapando do discurso em que se inscreve, o sujeito o que faz é exhibir em sua fala os vários usos que o subjetivam diferentemente. Trata-se do sujeito discursivamente feito cômico de si que relata retrospectivamente os riscos a que se expôs no contato com diferentes drogas. Ele arriscou-se a ser outro em um movimento de hesitação que as reticências pontuam, significando cada episódio em que venceu o desafio. Esta superação momentânea é sustentada pelo dizer a mais que a codifica na ordem discursiva de referência.

A passagem testemunhada por usos diversos de diferentes drogas reafirma o processo temporal multifacetado em que o sujeito se enuncia. “Não me considero hoje diferente de ninguém que tenha conhecido um vício diferente. Também não sei como não me viciiei ao álcool. Comecei a beber antes de fumar maconha e parei, justamente quando conheci a maconha”. Em meio aos vários usos o depoente se subjetiva incidentalmente. Trata-se, como apareceu anteriormente, de outras possibilidades subjetivas que emergem no ato de enunciar.

Já tive vontade de usar inúmeras vezes, inclusive a cocaína, que nunca usei e o álcool que parei ha 6 anos.

Assim, ele enuncia situando-se em posições de sujeito que, determinadas discursivamente, toma a si como lugar do sentido que o afeta.

O que posso fazer é não usar e crescer mais e mais como pessoa usando os 12 passos do NA para me tornar uma pessoa melhor a cada dia. Sou jovem e quero envelhecer e morrer limpa! Só por hj eu desejo mais 24 horas de serenidade e sobriedade para qualquer pessoa que queira trilhar um caminho limpo, sem o uso de drogas.

Resistir, a que será que se resiste?...

Neste trecho do depoimento em análise, vê-se que as posições de sujeito deslizam no momento em que o sujeito fala da maconha que usou, da cocaína que nunca usou, do álcool que parou de usar, aos doze passos do NA que está usando. Repare-se aqui o jogo transferencial que se processa nas formas temporais em que o verbo é conjugado e no modo de alternar os objetos que preenchem sua transitividade. Repetição e diferença mostram respectivamente o movimento do que se inscreve e do que escapa resistindo. Isso que escapa liga-se à reiteração do verbo usar, deslocando seu objeto – o sujeito passa do uso da droga ao uso dos 12 passos do NA. Retroativamente, compreende-se como, driblando a ordem de discurso que o assujeita, o sujeito não quer voltar de onde veio.

4 CONCLUINDO

O processo subjetivo que se pode observar, no testemunho considerado neste trabalho, se estabelece no intervalo entre o ato de enunciar e o discurso que o significa. O objetivo da análise foi de mostrar que, ao ser interpelado na ordem de discurso que o intima a falar, o eu testemunhante se distribui em duas posições: em uma coloca-se o sujeito determinado em certo regime discursivo, em outra insinua-se sub-repticiamente o sujeito produzido pela resistência.

Na condição de recuperado ou em fase de recuperação, a fala desse indivíduo implica o submetimento a um discurso que modifica a relação entre o sujeito e as percepções que tem de si, a fim de que pela verdade deste discurso ele seja convencido a abandonar o uso da droga. O sujeito a que aludi aqui não é nem o que se perde passivamente dominado por alguma droga, nem o que se opõe ativamente ao investimento normativo que visa arrancá-lo do estado de dependência. Trata-se do sujeito que se coloca como sede terminal do processo discursivo que o constitui em seu ato de enunciar, sem necessariamente ficar indiferente à ordem discursiva que causa sua enunciação.

O propósito foi de chegar a uma outra modalidade de estar consigo mesmo e de fazer resistência aos dispositivos que tentam converter o sujeito a um estado de normalidade. Trata-se de captar, no momento em que o sujeito fala de si interpelado pela verdade pré-construída do discurso, a experiência que ele faz das múltiplas possibilidades de subjetivar-se, colocando-se no entremeio do que pensa ser e do como deve ser, conforme a norma que o incita a dizer a verdade de

si. É o instante em que emerge, a modo de fragmentos disparatados de linguagem, sentidos em luta, forçando o sujeito a colocar-se fora de si.

REFERÊNCIAS

BARBÉRIS, J.-M. Tempos du langage et production du sens à l'oral. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF LINGUISTS, 26. **Proceedings of...** (in CD-Rom). 1997. Editor: Bernard Caron.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, RABINOW. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Tradução Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **Historia da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. **Texto e discurso**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2002a.

_____. Ponto final: interdiscurso, incompletude, textualização. In: **Texto e Discurso**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2002b. p. 109-126.

_____; SOUZA, P. A língua imaginária e a língua fluída: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, E. (Org.). **Política lingüística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1988.

PECHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do obvio. Campinas: Unicamp, 1975.

SENETT, R.; FOUCAULT, M. Sexualidad y soledad. In: **Foucault y la etica**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1988. p. 165-189.

Recebido em 25/10/03. Aprovado em 30/11/03.

Resistir, a que será que se resiste?...

Title: To resist, to what one resists? The subject outside himself.

Author: Pedro de Souza

Abstract: In this work, based on Michel Foucault's view, I offer an analysis in which the discursive process of subjection also constitutes the place where the subject produces himself facing a resistance that situates him, subjectively, out of the very discursive order that determines him. In both processes there is no subject as a point of origin, but as an ending point of multiple effects of subjectivity.

Keywords: discourse; enunciation; subjectivity.

Titre: Résister, on résiste à quoi? Le sujet hors de soi.

Auteur: Pedro de Souza

Résumé: Dans cet article, d'après la perspective proposée par Michel Foucault, on voudrait analyser la subjectivité en tant que processus déterminé selon un ordre normatif de discours et aussi en tant que mouvement qui se trouve à l'extérieur de la norme discursive qui le produit. Le but est de montrer que le sujet, aussi déterminé que résistant, n'est pas le lieu d'origine de sa propre subjectivité.

Mots-clés: discours; énonciation; subjectivité.

Título: Resistir, a qué será que se resiste? El sujeto hecho fuera de si.

Autor: Pedro de Souza

Resumen: En este trabajo, a partir de la visión inaugurada por el pensamiento de Michel Foucault, propongo un análisis en que el mismo proceso discursivo de sujetamiento es también el lugar, en que el sujeto se produce mediante una resistencia que lo situa se subjetivando fuera del orden discursiva que lo determina. Tanto en un cuanto en otro proceso no hay sujeto como punto terminal de efectos múltiples de subjetividad.

Palabras-clave: discurso; enunciación; subjetividad.